

BODY MODIFICATION: REFLEXÕES SOBRE CORPOS SUBVERSIVOS

CÁSSIO GUIMARÃES PEREIRA¹; DANIELE BORGES BEZERRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – cassio.guimaraesp@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – borgesfotografia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo tem como tema as relações entre corpo, estética e política, a partir da *Body Modification*¹, conceito usado para designar as modificações corporais consideradas extremas realizadas por razões não médicas, tais como; piercings, tatuagens, implantes, bifurcações, escarificações, queimaduras e suspensão corporal.

As modificações corporais são consideradas pela sociedade como sinal de dissidência e rebeldia e foram durante um longo período sinais morais de rejeição ao mundo. Na idade média o corpo era associado ao sagrado, marcá-lo era passá-lo ao campo do profano, proibido e pecaminoso. No período do evolucionismo cultural, o corpo foi o centro das análises científicas na tentativa de evidenciar diferenças físicas do europeu em comparação com as sociedades tradicionais, visto que as modificações corporais já eram intrínsecas na cultura de povos nativos vistos, nesse período histórico, como exóticos, primitivos, selvagens, inferiores e não civilizados. No campo das artes, o corpo deixou de ser uma representação iconográfica e passou a ser um campo de expressão e performance com a *Body Arte*², através disso ele se torna um instrumento de experimentação artística e estética.

Foi a partir de Marcel Mauss que o tema do corpo foi inaugurado como objeto de estudos nas ciências humanas. Em seu clássico *Sociologia e Antropologia*, Mauss evidencia que as práticas corporais são condicionadas pelos modos que as pessoas servem de seus corpos de acordo com cada sociedade, sendo o corpo o

¹ *Body Modification* se refere a uma longa lista de práticas que incluem o piercing, a tatuagem, o branding, a bifurcação, as amarrações e inserções de implantes para alterar a aparência e a forma do corpo.

² *Bod Art* é uma modalidade da arte contemporânea que surge na década de 1960, a partir da qual se considera o corpo como suporte e meio de expressão. Ou seja, o corpo se torna a “superfície” de inscrição poética

primeiro e o mais natural instrumento do homem no mundo (MAUSS, 1974, p.407). Mais recentemente, o antropólogo e sociólogo David Le Breton, que também se dedica ao estudo do corpo, elucida que o corpo não é um dado natural e sim uma construção social e cultural, isso devido ao fato de que “o corpo é a interface entre o social e o individual, a natureza e a cultura, o psicológico e o simbólico” (Le Breton, 2006, p.97).

A partir disso, considero que os sujeitos adeptos às modificações corporais colocam seus corpos físicos como o centro de suas experiências, e o corpo modificado passa a ser entendido como linguagem não verbal, produtora de sentidos simbólicos, artísticos e estéticos que subvertem os padrões de beleza hegemônicos.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho, em fase inicial de seu desenvolvimento, propõe uma abordagem antropológica sobre o corpo no universo das modificações corporais e tem como base o referencial teórico bibliográfico disponível sobre o assunto. Me apoio no uso do diário de campo e na minha própria imersão, enquanto pesquisador, dentro do universo da pesquisa. O diário de campo é o meu primeiro recurso para o registro de dados coletados, nele há anotações, relatos de experiências de outros e minhas, além de observações que partem da minha interação com o grupo estudado. Através da “observação participante” e do diário de campo (MALINOWSKI, 1976) é possível dialogar com a teoria e gerar os questionamentos mediadores do presente resumo. Além disso, a fotografia e o desenho, que também participam do processo descritivo contido nos diários de campo, são parte do meu método e ajudam a pensar o campo e a tornar visível aquilo que experimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Modificar o corpo é um legado histórico, cultural e político da humanidade. Diversos povos indígenas ao redor do mundo modificam seus corpos com diferentes intuitos: ritos de passagem, rituais de comunhão com o divino, ancestralidade, religiosidade, transcendência e distinção de hierarquias. Na modernidade, o corpo modificado passou a ser transgressor de normas e padrões

estéticos, causando sensações de desconforto naqueles que veem as modificações como uma forma de violência, descontextualizando tais práticas de sua rede de significações. O estigma segundo Erving Goffman é um sinal corporal que indica um status social negativo e depreciativo, ou seja, “é [...] um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo (GOFFMAN, 1988, p.13).

Nesse sentido, as abominações do corpo são calçadas em questões sociais e no modo como a chamada normatividade avalia tais manifestações corporais. A partir disso observo, de modo preliminar, que a “antiestética³” da modificação corporal causa impactos visuais de repulsa, nojo e estranhamento. Ao desconsiderarem a individualidade e a liberdade de transformação dos corpos, tais reações evidenciam a recusa de modelos estéticos não hegemônicos que rompem com o modelo social normativo, a favor da manutenção de um modelo padrão.

Para Michel Foucault as relações de poder e hierarquia se manifestam no agenciamento dos corpos dos sujeitos, pois, para o autor os mecanismos normativos e disciplinadores, organizam formas de produção do corpo ideal, socialmente desejado. Assim, um corpo que não sente dor, saudável, heterossexual, sem intervenções consideradas dissidentes, produtivo, bonito e comportado, ou seja, um “corpo dócil” (FOUCAULT, 1987, p. 126) atenderia às expectativas de uma sociedade disciplinar

Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas formas e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de disciplina (FOUCAULT, 1987, p. 118).

Observa-se, a partir das práticas observadas: o corpo tatuado, perfurado, escarificado e implantado, que estes corpos escapam aos mecanismos de controle constituindo-se como corpos indisciplinados, indóceis, visíveis e dolorosos, a partir de práticas compartilhadas pelas quais esses indivíduos se distanciam dos valores sociais relacionados a um corpo ideal.

4. CONCLUSÕES

³ Considerando-se aqui, a título de provocação, a estética como algo agradável aos olhos, partindo de um ideal específico de beleza.

O corpo modificado deve ser refletido como um território de valorização e liberdade, juntamente com as suas subjetividades e seu poder de subverter modelos estéticos. O poder de metamorfose do corpo é a expressão dessa necessidade de criar algo permanente para si, explorando diferentes formas, desenhos, texturas, perfurações, cores e silhuetas em torno dele, um lugar onde se projeta a arte. Um “corpo-tela”⁴ que encontra a escolha de alterar a própria aparência e revela múltiplos sentidos e ambiguidades. Entendo esse processo como uma manifestação artística, e, nesse sentido, a arte enquanto potência política, questionadora, se faz presente nesses corpos que indagam limites físicos, preeconceitos e sensações. Trata-se de uma forma de agenciamento que gera reflexões sobre as opressões de corpos que habitam o mundo, através de diversos modelos estéticos culturais não hegemônicos da sociedade, e interrogam a padronização social ao romper a fronteira da pele com novas dimensões reflexivas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

LE BRETON, David. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais**, Lisboa: Miosótis, 2004.

_____, **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo, Abril Cultural, Pensadores, Atica, 1976.

MAUSS, Marcel. **As técnicas corporais**. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

⁴ Ensaio Visual realizado para a ação @Pandemianarrativas na rede social Instagram, promovida pela professora Daniele Borges Bezerra, pós-doutoranda em Antropologia Social (PPGAnt-UFPEL) onde desenvolve sua pesquisa no projeto Antropoéticas, vinculado ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS).